



Lugares de memória: significando os símbolos em “As tardes de um viúvo aposentado”, de Teolinda Gersão

Places of memory: signifying the symbols in “As tardes de um viúvo aposentado”, by Teolinda Gersão

Priscila Campolina de Sá Campello
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
priscilacscampello@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0001-8113-4606>

Bruna Gabriele Oliveira¹
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
brunaoliveira50450@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0001-5532-6022>

Resumo: O presente artigo teve como objetivo identificar e discutir como os lugares de memória são construídos na narrativa por meio de símbolos presentes na casa e no dia a dia do protagonista, como cemitério, lápide, fotos antigas, entre outros. Para o *corpus* deste trabalho foi escolhido o segundo conto presente na coletânea de contos *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias* (GERSÃO, 2007), nomeado “As tardes de um viúvo aposentado”, de Teolinda Gersão, narrado em terceira pessoa, cujo enredo corresponde à rotina de um viúvo aposentado que está em fase de luto pela morte recente de sua esposa. A memória, a velhice e a solidão são temas que serão explorados na análise para alcançar o objetivo proposto.

¹ Bolsista pelo CNPq, n. 132081/2020-2.

Autores como Candau (2011), Vieira (2013), Pinheiro (2009), Santos e Amaral (1997) serão utilizados como aporte teórico com contribuições valiosas para a discussão.

Palavras-chave: literatura de autoria feminina; luto; memória; símbolos; velhice.

Abstract: This article intends to identify and analyze how the places of memory are constructed in the narrative through symbols present at the protagonist's home and daily life, such as cemetery, gravestone, old pictures, among others. For this purpose, we have chosen the second short story from Teolinda Gersão's (2007) collection of stories *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias*, entitled "As tardes de um viúvo aposentado". This 3rd person narrative focuses on a retired widower's daily routine, who is mourning his wife's recent death. Memory, old age, and loneliness are themes which will be discussed in this analysis in order to develop our proposal. Authors such as Candau (2011), Vieira (2013), Pinheiro (2009), Santos and Amaral (1997) will be our theoretical support with their valuable contributions to our discussion.

Keywords: literature of female authorship; grief; memory; symbols; aging.

Teolinda Gersão é escritora e professora portuguesa. O tamanho de seu legado está presente em suas obras traduzidas em 20 países. É autora de *A árvore das palavras* (1997); *Histórias de ver e andar* (2015); *Prantos, amores e outros desvarios* (2016); e *Atrás da porta e outras histórias* (2019); para o *corpus* deste trabalho, foi escolhido o segundo conto presente na coletânea de contos *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias* (2007), nomeado "As tardes de um viúvo aposentado". A literatura de autoria feminina contemporânea, aqui representada pela escrita de Gersão, conquista importante destaque ao operar diante de um novo lugar da produção literária e intelectual, um lugar que cabe à figura feminina e que lhe é necessário.

Santos e Amaral (1997), em sua discussão sobre a trajetória da escrita de autoria feminina em detrimento das literaturas canônicas hegemônicas, presente no texto "Sobre a 'Escrita Feminina'", problematizam os diversos paradigmas relacionados à posição da mulher na poesia e na literatura. As autoras argumentam que a intelectualidade

feminina era vista como algo nulo, pois o que era delegado para a figura feminina não pairava no campo do saber, mas sim no campo das funções do lar, ligadas ao cuidado da “casa, ter filhos, cuidar deles e da casa [...]” (SANTOS; AMARAL, 1997, p. 21). Portanto, entende-se que ler autoras contemporâneas como Gersão pressupõe dar voz a escritoras que trazem à tona outras perspectivas, contribuições e reflexões em torno de temas como: o feminino, o casamento, a juventude, o luto, a melancolia, entre outros. No conto escolhido para análise, o objetivo será identificar e discutir como os lugares de memória são construídos na narrativa por meio de símbolos presentes na casa e no dia a dia do protagonista.

“As tardes de um viúvo aposentado”, de Teolinda Gersão, é um texto ficcional narrado em terceira pessoa cujo enredo corresponde à rotina de um viúvo aposentado que está em fase de luto pela morte recente de sua esposa. O dia a dia do personagem se inicia logo pela manhã com uma visita ao túmulo da esposa no cemitério, como podemos ver no seguinte trecho:

As manhãs passavam depressa. Ganhara o hábito, desde a morte de Izilda, de ir todas as manhãs ao cemitério. Metia a pé pela Barão de Sabrosa (morava na Actriz Virgínia), cortava à esquerda ao cimo da Morais Soares, e a partir daí não tinha mais do que seguir sempre em frente, pela sombra no Verão e do lado do sol se era Inverno (GERSÃO, 2007, p. 15).

O primeiro parágrafo da narrativa contém uma série de evidências para ser lida como uma metáfora da vida do protagonista. As frases “As manhãs passavam depressa” e “Ganhara o hábito, desde a morte de Izilda, de ir todas as manhãs ao cemitério” sugerem duas leituras para o signo “manhã”. De acordo com o *Dicionário Michaelis*, o substantivo “manhã” tem as seguintes definições:

1 Período do dia que vai do nascer do Sol ao meio-dia.; 2 A primeira claridade do dia antes de o Sol nascer; alvorada, aurora; 3 Período de tempo que vai da meia-noite ao meio-dia, para efeito de contagem das horas.; 4 FIG Momento inicial de uma ação ou de algo que apresenta continuidade ou progressão; começo, início (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2021).

Consideremos que, para a significação da “manhã”, no sentido figurado, a atitude do homem de ir visitar o túmulo da mulher é tida como uma ação que deve ocorrer logo na primeira parte do dia, ou seja,

a primeira função que ele precisa realizar na sua rotina, o que demonstra que há uma hierarquia nas prioridades da vida de quem pratica a ação, a primeira é visitar o túmulo da esposa. A rotina garante ao personagem o controle de sua vida. Rita e Real (2021) entendem a necessidade da rotina da vida do personagem como uma “necessidade humana de normalidade, da previsibilidade” (RITA; REAL, 2021, p. 82) diante de um mundo real no qual não pode controlar acontecimentos como: a chegada da velhice, a necessidade de se aposentar por cumprir o tempo exigido no mercado de trabalho, a morte da esposa e a derradeira solidão presente na terceira idade, por exemplo.

Mas, se ampliamos mais um pouco a significação de “manhã”, também figurativamente, é possível ler “manhã” como a etapa da vida em que se encontra a juventude do sujeito, parte da vida pela qual o personagem já havia atravessado, que passara depressa e que já não se é possível alcançar e recuperar mais. A constatação da perda da juventude é um tema que será explorado na narrativa, já que, além da perda da esposa, há a aposentadoria, que representa a chegada de uma fase da vida em que se perde uma determinada função, e também a aproximação da velhice. A forma como a rota do personagem é traçada em direção ao cemitério, destacada no trecho: “e a partir daí não tinha mais do que seguir sempre em frente, pela sombra no Verão e do lado do sol se era Inverno” (GERSÃO, 2007, p. 15), revela a dimensão do sentimento de deslocamento do sujeito diante da realidade. O narrador pontua que há uma sucessão de perdas na vida do personagem que acarretam um enorme vazio, como se vê na seguinte citação:

Os últimos anos tinham sido, portanto, de perdas sucessivas. Aposentação e viuvez. Agora tinha diante de si todo o vagar do mundo e podia dar-se ao luxo de não fazer nada, ninguém se importaria nem lhe pediria contas. Aparentemente era ele o único a preocupar-se com o tempo, e com a forma como o passava (GERSÃO, 2007, p. 15-16).

A vida do protagonista é marcada pela ausência em várias de suas instâncias. No âmbito familiar, a primeira ausência a se destacar é a da parceira e esposa, Izilda. A segunda é a dos filhos, que são residentes de outras cidades. A terceira é a dos amigos, que, ou estão mortos, ou estão doentes, a ponto de não conseguirem sair de casa mais. E, por fim, no âmbito profissional, o protagonista é marcado pela ausência do trabalho

após sua aposentadoria, situação que o repele de seu âmbito relacional com as pessoas. Com o cotidiano marcado pela falta, o viúvo “ganhara o hábito” (GERSÃO, 2007, p. 15) de visitar todas as manhãs o cemitério, transformando esse espaço em um símbolo, um lugar de memória, onde a esposa se faz presente. O cemitério passa a representar um ambiente paradoxal, já que, fisicamente, guarda o corpo de quem já não existe mais. No entanto, para o ente que fica, enquanto houver esse referencial, a lembrança de quem partiu se pereniza. De acordo com Candau (2011), em *Memória e identidade*, a identidade é “formada a partir de um processo memorial”, “restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade” (CANDAU, 2011, p. 16). O cuidado com o túmulo indica a preocupação em cuidar de uma memória, de uma identidade, cujo nome está gravado na lápide, em que ele rotineiramente varria o pó e trocava as flores. A criação de uma rotina (uma tarefa para ele tão obrigatória como o trabalho no passado) garante o não esquecimento da esposa, como podemos ver a seguir:

Demorava-se no cemitério cinquenta minutos, aproximadamente. Pelo menos vinte junto da campa, onde uma vez por semana colocava flores novas, depois de deitar fora as anteriores e de mudar a água da jarra. Por vezes, com uma vassoura pequena, varria o pó de cima da pedra onde estava escrito: *Izilda Matos, Eterna Saudade de Seu Marido, Filhos e Netos* e por baixo duas datas, do nascimento e da morte (GERSÃO, 2007, p. 16).

A lápide pode ser lida como um lugar de memória, da mesma forma que o cemitério. No entanto, a lápide, de fato, se torna um símbolo físico, palpável, literalmente no concreto, com o nome da falecida esposa escrito. É o monumento criado que resume a história de uma pessoa, registrando em pedra as datas de seu nascimento e de sua morte, seu nome completo e uma homenagem da família à pessoa amada. Candau (2011) avalia que “[...] o nome é sempre uma questão identitária e memorial” (CANDAU, 2011, p. 68). Portanto, a lápide se torna um registro de histórias, da existência do indivíduo.

No percurso de volta para a casa, a parada no “Café” também pode ser lida como um lugar de memória. Seria a tentativa de reinserção no contexto urbano, do reencontro com a sociedade. O “Café” representa um lugar de conforto, no qual o personagem podia ler um jornal, comentar as notícias com o garçom e sentir que faz parte de um todo maior que

o seu mundo restrito, resumido à casa e ao cemitério. O ato de estar por dentro das notícias permite ao protagonista entender e refletir sobre coisas em sua cidade e região, mas não deixando de se sentir aliviado por não estar inserido em meio às notícias trágicas ou aos problemas na economia presentes nos jornais. O sentimento de satisfação pela interação com o meio traz o conforto por ainda estar inserido na sociedade, como fica destacado no trecho:

Comprava o jornal e, com um pequeno suspiro de alívio, sentava-se a lê-lo no café, em geral na mesa junto à vitrine, de onde podia ver quem passava na rua. Na altura de pagar trocava sempre com o empregado algumas impressões sobre as notícias. [...] Partilhavam, portanto, opiniões e sentimentos, verificava com prazer. Batia-lhe no ombro, ao ir-se embora, e deixava de boa vontade uma gorjeta (GERSÃO, 2007, p. 17).

Com a rotina da manhã finalizada, iniciava-se o período da tarde, acompanhado pela solidão. O narrador destaca a ordem em que as refeições do dia eram feitas em casa e o momento em que o homem se trancava no escritório, tentando arranjar tarefas a fazer, como podemos ver na passagem a seguir:

Era agora, depois do café, que a tarde começava. Fechava-se em geral no escritório, a ler ou a arrumar papéis. Estou muito ocupado, dizia antes de fechar a porta. Se alguém telefonar, diga que estou a trabalhar. Que deixe o número, que eu depois ligo. [...] Fingir-se ocupado, mesmo que não estivesse. (GERSÃO, 2007, p. 18).

Os três períodos do dia são explorados ao longo da narrativa. A manhã marca o período de visita ao cemitério. Já no período da tarde é quando ocorre a busca por tarefas em uma realidade cercada pelo ócio. A ênfase na chegada do período da tarde é dada em três momentos, nas frases: “Era agora, depois do café, que a tarde começava” (GERSÃO, 2007, p. 19), “Agora começava a tarde” (GERSÃO, 2007, p. 19) e “Agora, portanto, começava a tarde” (GERSÃO, 2007, p. 20). Vieira (2013) analisa que as tardes, para o velho, “[...] são, na realidade, a sua fragilidade, a prova indisfarçável da sua solidão e da inutilidade que tentava dissimular” (VIEIRA, 2013, p. 73). Há uma busca voraz pelo encontro de algum afazer para tentar driblar a solidão que as tardes longas e demoradas traziam à vida do sujeito. A necessidade de buscar ocupar seu tempo também é evidenciada na ida ao banco sacar dinheiro. O

protagonista inseria em seu cotidiano atividades para que a tarde, assim como o restante do dia, passasse logo. Ao sair do banco, seu pensamento também comprova como essas atividades eram necessárias para que os dias aparentassem minimamente produtivos e preenchidos:

[...] pensava saindo outra vez pela porta com abertura retardada, não temos mais nada para hoje. Mais nada, até serem seis horas. Às seis horas ligava a televisão e ficava a ver os programas, que quase nunca tinham interesse, até à meia-noite, que era a hora de se deitar (GERSÃO, 2007, p. 19).

A monotonia de uma vida movida pela solidão, pela ausência da esposa e de uma vida social movimentada, como também do trabalho, se resume no seguinte trecho: “Era assim todos os dias da semana. Excepto ao sábado e domingo, em que a Leontina não vinha” (GERSÃO, 2007, p. 19). Interessante perceber aqui como a presença da empregada, Leontina, diferencia os dias da semana dos dias do final de semana, anunciando, mais uma vez, que sua solidão se intensifica quando até mesmo a empregada está ausente. Tal observação acaba sendo irônica se considerarmos que a empregada ocupa um espaço subalterno, secundário, sem destaque na vida dele. No entanto, sua ausência é notada e duramente sentida.

A aposentadoria como consequência da velhice, no conto, é acompanhada por um tom melancólico, já que está associada a um sentimento de inutilidade do personagem, demonstrada na constatação que se segue: “Olhava com estranheza os homens apressados, na rua, a caminho do trabalho. Como se nunca os tivesse visto, e ele próprio nunca tivesse sido um deles. Agora parecia-lhe que pertenciam a outra espécie, e nada tinham em comum com ele” (GERSÃO, 2007, p. 20). O sentimento de ser pertencente a outra espécie traz a insatisfação com a atual realidade. Vieira (2013) analisa que, no Ocidente, a figura do homem mais velho não carrega a potência da figura cuja sabedoria é admirada, respeitada e reconhecida, como em outras sociedades. Ela nos aponta que:

[...] os mais velhos não são alvo de respeito especial ou reconhecidos e apreciados pelos mais novos pela sabedoria acumulada ao longo de uma vida de experiências variadas. Cada vez mais, o mérito é aferido em função da produtividade econômica, relegando-se para segundo plano, ou esquecendo mesmo, valores culturais, éticos e tradicionais transmitidos pelos mais velhos, mas aos quais parece não ser reconhecido lugar na sociedade (VIEIRA, 2013, p. 6).

No sistema capitalista, o valor da pessoa se dá pela sua força de trabalho, quando se atinge um limite, uma validade, que podemos entender como o momento da aposentadoria, aquele sujeito que exerceu anos de contribuição para o sistema é visto como algo descartável. O protagonista entende essa condição quando se vê como uma “outra espécie”, identificando que nada mais tem em comum com aqueles “homens apressados, na rua, a caminho do trabalho” (GERSÃO, 2007, p. 20). O sistema capitalista limita o ser humano com toda a sua subjetividade em um corpo/objeto de produção que tem validade, e que, quando atingi-la, será descartado/deixado de lado, apesar de toda a sabedoria, experiência e tempo de trabalho exercido. O conto de Gersão faz emergir um lado da velhice que é o reflexo das sociedades contemporâneas, portanto, esta discussão, apesar de emergir em um conto publicado em 2007 e analisado aqui em pleno ano de 2021, é significativamente atual e necessária. Em uma rápida pesquisa pelos *sites* de busca, o leitor encontrará uma quantidade exorbitante de notícias que revelam a dificuldade de pessoas mais velhas entrarem no mercado de trabalho após os 50 anos, por exemplo. No jornal *Estadão*, tem-se a seguinte notícia:

Perto da hora de se aposentar, se você quiser continuar trabalhando, saiba que terá de batalhar. E sozinho. As empresas no Brasil praticamente não têm política de recursos humanos (RH) para reter ou qualificar os idosos. Apenas 1% dos cargos em mais de uma centena de empresas no Brasil são ocupados por pessoas com mais de 65 anos, de acordo com o estudo Envelhecimento da Força de Trabalho no Brasil, feito pela consultoria PWC e a Fundação Getúlio Vargas. Pior que isso, 70% das empresas que responderam à pesquisa acreditam que profissionais na terceira idade são mais caros, 69% responderam que eles não se adaptam bem às mudanças e 63% os veem como acomodados com a proximidade da aposentadoria (ARAUJO *et al.*, 2021).

As possibilidades para um homem mais velho de se ocupar, sendo uma pessoa aposentada, são analisadas pelo protagonista de forma negativa e pessimista, nas quais ou a figura da pessoa velha é negligenciada ou é inserida em postos de trabalho artesanal e manual, apenas como fachada para se ter um lugar para depositar uma pessoa que já não faz mais parte ativamente do mercado de trabalho. O discurso do narrador marca a indignação do protagonista no uso do xingamento “porra” em dois momentos da conclusão, apontados na seguinte passagem:

Porra, mas havia de certeza alguma coisa que ele podia fazer, para ocupar a tarde. A sociedade, os governos ou o raio que os partisse até tinham inventado uns quantos programas a pensar nos velhos. Centros de dia, por exemplo, velhinhas fazendo flores de papel e velhos fabricando apitos. [...] Era no que davam essas coisas de terceira idade. Universidade para eles? Não valia a pena fingir. Para eles o que havia eram lares infantários de terceira idade, com fraldas e babetes. E açoites no rabo, também, segundo alguns. Ora **porra**. Portanto não o lixassem com essas aldrabices de universidades e o raio (GERSÃO, 2007, p. 20, grifo nosso).

De acordo com Vieira (2013), o signo “velho”, na contemporaneidade, ganha outras tonalidades ao que se refere à ocupação de lugares sociais. Enquanto as propagandas na TV passam comerciais que exaltam a terceira idade como um ápice da condição humana, chamada de melhor idade, a realidade vivenciada pelas pessoas mais velhas na sociedade está ligada à fragilidade, à limitação, e, muitas vezes, elas são negligenciadas e sentem-se solitárias. Observa-se essa reflexão nas palavras de Vieira ao identificar as fronteiras nas quais o signo “velhice”, na contemporaneidade, emerge. O sujeito que ocupa esse lugar social referente a essa etapa da vida passa a ser visto como um símbolo que o coloca frente à “fragilização, a marginalização, a invisibilidade social, a precariedade financeira, a solidão que, como reiteradamente se tem lembrado, marcam este final do ciclo de vida” (VIEIRA, 2013, p. 6). A crítica do protagonista de Gersão emerge desse lugar no qual foi colocado/esquecido/invisibilizado.

A percepção da velhice como uma parte da vida negativa ganha mais potência na seguinte constatação: “Ser velho era esperar a morte. Era preciso encarar isso. Ali estava ele portanto, sentado à espera dela. Que um dia bateria à porta, ou entraria, de repente, sem bater” (GERSÃO, 2007, p. 21). A falta de perspectiva do personagem demonstra o tamanho do deslocamento do sujeito no meio sem a presença da figura feminina/esposa para motivá-lo, impulsioná-lo a fazer as tarefas diárias ou até mesmo outras atividades que saíam da rotina, como explicitado no trecho:

Ele sabia muito bem ocupar-se sozinho. Podia ler, pôr em dia as facturas, fazer contas, organizar dossiers com recibos, juntar papéis para o imposto, deitar fora tudo o que estivesse ultrapassado. Também podia sair, apanhar um autocarro ou o metro, ir passear à Baixa, ver montras, entrar em lojas, atravessar

o rio de barco, andar a pé no Parque das Nações. [...] Agora não. Agora não ia, e não tinha de dar contas a ninguém (GERSÃO, 2007, p. 21-22).

Candau (2011) ressalta que a perda é um sentimento que nenhum sujeito é capaz de repelir. A finitude humana escancara o caráter passageiro e imprevisível da durabilidade do corpo e das relações interpessoais. De acordo com o autor:

A perda é um dado antropológico universal: desde o nascimento, irremediavelmente e sem esperança de domesticá-la, todo ser humano faz dela sua companhia obrigatória, abandonando sucessivamente a juventude, a saúde, os amigos, os pais, os amores, as ilusões e ambições, antes de perder-se a si próprio (CANDAU, 2011, p. 189).

Ao final da narrativa, o personagem, envolto por uma série de lembranças movidas pelo ciúme da relação da esposa Izilda com o velho amigo Miguel João — ciúme esse desprovido de qualquer prova concreta —, vê-se compelido a procurar provas da traição da esposa, para que, enfim, pudesse fazer justiça com as próprias mãos. É interessante pontuar quais objetos, que podemos aqui chamar de fálcos, o protagonista imagina serem escolhidos para agredir Miguel João: a bengala ou o cinto: “[...] poderia procurá-lo. Pedir-lhe contas, bater-lhe com a bengala ou com o cinto, exigir-lhe uma qualquer desforra. Se fosse caso disso” (GERSÃO, 2007, p. 28). A pressa e a ansiedade impulsionam o personagem a recorrer a um revólver, uma vez que, em sua mente contaminada pelo monstro de olhos verdes, já se tratava de um caso “de vida ou morte” (GERSÃO, 2007, p. 28). Escolhendo uma arma, a chance de sobrevivência do outro é quase nula e, de fato, o poderio fálco seria reconquistado.

O objetivo e a obsessão pelo encontro da prova de uma traição duraram semanas. Uma carta bastava como prova, assim, a busca minuciosa deu-se “[...] pelos cantos mais remotos — dentro de livros, atrás de estantes, dentro de caixas de sapatos, no fundo de gavetas e de armários. Acabou pelos mais próximos — a mesa-de-cabeceira, as gavetas da cozinha” (GERSÃO, 2007, p. 29). E poderia de fato ser encerrada ao identificar na cozinha uma série de “fotografias velhas, cartas banais, de amigas e de primas, desejando um bom Natal ou dando parabéns por aniversários, [...] livros de missa amarelados e com folhas soltas, pedaços de terços” (GERSÃO, 2007, p. 30), que o fizeram perceber que a esposa nada escondia, só guardava papéis e lembranças

corriqueiras. A cozinha, por sua vez, pode ser lida como um lugar de memória por excelência feminino, já que, na sociedade patriarcal, existem lugares que, comumente, são delegados à figura feminina, onde, no caso, as mulheres passam a maior parte do tempo cozinhando e realizando outros serviços domésticos.

As gavetas da cozinha, bem como a cabeceira da cama, representam lugares úteis e práticos para se guardar anotações importantes e de fácil acesso. Por isso, ao achar as fotografias “do álbum de retratos dos filhos e outras fotos que não cabiam no álbum e tinham ficado de fora, dentro de envelopes” (GERSÃO, 2007, p. 30), na gaveta da cozinha, o protagonista de fato se vê resgatando memórias que estavam adormecidas. As fotos podem ser consideradas símbolos importantes para o resgate de memórias adormecidas. De acordo com Pinheiro (2009), “[...] as fotografias servem não apenas para registrar a memória de um tempo, mas, sobretudo, para guardar e reavivar tempos de memória” (PINHEIRO, 2009, p. 3). Ao refletir sobre essas memórias que estão sendo resgatadas e reativadas pelo senhor aposentado, vale questionar se ele realmente achava que a esposa e o amigo o teriam traído ou se ele não estava apenas, mais uma vez, tentando ocupar seu tempo com alguma questão aparentemente relevante.

A casa, como lugar de memória, contém os objetos utilizados e comprados pelo casal. Mas a cozinha, de fato, se torna um ambiente carregado pelos utensílios do dia a dia, pelas memórias guardadas nas gavetas e pela presença simbólica do que realmente merecia ser guardado pela esposa. O narrador constata que o protagonista, no meio daquela suposta investigação, “[...] não encontrou nada do que procurava” (GERSÃO, 2007, p. 31). Mas, é possível dizer que, sim, ele encontrou exatamente o que procurava: a presença de memórias afetivas adormecidas pelo tempo. Assim, o personagem: “Caía outra vez em si, readquiria o sentido do real, pensou sentando-se na cadeira de orelhas e puxando a manta de lã sobre os joelhos” (GERSÃO, 2007, p. 31), o que também evidencia que, ao não encontrar as provas que ele tanto procurava, ele, na verdade, encontra conforto e sossego, simbolizados pela manta de lã que o acolhe e aquece.

Considerações finais

Constata-se que a casa, o “Café”, o escritório e a cozinha são, de fato, lugares de memória para o sujeito. Locais que recuperam recordações do passado, da juventude, do antigo ofício e da vida conjugal.

Mas, além disso, existem objetos que se tornam símbolos de memória, que carregam marcas, rachaduras, arranhões que contam a história de quem os usou. O sujeito também se torna um lugar de memória, já que a sua identidade, como pontua Candau (2011), se constrói a partir de tudo aquilo que experienciou durante sua vida. O ser humano é constituído nas/pelas memórias, ou, como Seixas (2001) constata: “A memória é, portanto, algo que ‘atravessa’, que ‘vence obstáculos’, que ‘emerge’, que irrompe: os sentimentos associados a este percurso são ambíguos, mas estão sempre presentes” (SEIXAS, 2001, p. 47).

As fotografias também atuam de forma potente como um símbolo universal de memória. Nelas, estão registrados momentos, recortes no tempo que cristalizaram a presença da esposa, dos filhos, de momentos felizes que foram escolhidos para ficarem registrados e impressos no papel. Portanto, fica estabelecido que os símbolos presentes no texto são de total importância para que o leitor entenda a magnitude de um simples ritual em uma rotina, a importância de um objeto que aparece muitas vezes pontuado no dia a dia do personagem, ou, até mesmo, do que utensílios domésticos simbolizam para uma determinada cultura e para o próprio personagem analisado neste estudo.

Além disso, Gersão propõe uma reflexão importante sobre o lugar do velho na sociedade, trazendo à tona a discussão das nuances que giram em torno do paradigma “velhice” na sociedade ocidental, que, muitas vezes, está ligada à condição de solidão, de fragilidade, de limitação e de inutilidade, quando se passa a não ocupar o lugar da produtividade, da venda da mão de obra incansável e ilusoriamente ilimitada que o sistema capitalista inscreve nos sujeitos.

Referências

ARAUJO, Felipe *et al.* Recolocação após os 60 é tarefa difícil e individual. *Estadão*. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/focas/planeje-sua-vida/recolocacao-apos-os-60-e-tarefa-dificil-e-individual>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

GERSÃO, Teolinda. As tardes de um viúvo aposentado. In: GERSÃO, Teolinda. *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias*. Lisboa: Sextante Editora, 2007. p. 15-31.

MICHAELIS. Manhã. In: DICIONÁRIO Michaelis. Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/manh%C3%A3/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

PINHEIRO, Gilmara Ferreira de Oliveira. Memórias e fotografias: entre lembranças e reminiscências do passado vivido. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética*. Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-11. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/30-snh25?start=1580>. Acesso em: 19 agosto 2021.

RITA, Annabela; REAL, Miguel. *O essencial sobre Teolinda Gersão*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2021. Disponível em: <https://impresanacional.pt/wp-content/uploads/2021/06/O-Essencial-Sobre-Teolinda-Gersao.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.

SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa; AMARAL, Ana Luísa. Sobre a ‘Escrita Feminina’. *Oficina do CES: Centro de Estudos Sociais*, Coimbra, n. 90, p. 2-41, 1997.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 37-58.

VIEIRA, Judite de Jesus Rosa Judas da Cunha. *Em tom menor: o envelhecimento na narrativa breve de autoria feminina*. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas) — Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas, Aveiro, 2013.

Data de recebimento: 26 de agosto de 2021.

Data de aprovação: 16 de novembro de 2021.